

Porto Alegre, 1º de julho de 1996

Ilmo. professor  
Ricardo Schneiders da Silva  
MD Chefe do Departamento de Comunicação  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação  
N/Universidade

Prezado professor,

No final do semestre anterior, quando se planejava as atribuições dos professores lotados neste Departamento, aceitei trabalhar com a disciplina que produz o jornal Três por Quatro baseado no projeto, discutido pela área de jornalismo com esta Chefia, de torná-lo um jornal para veicular assuntos de interesse dos Cursos de Comunicação, da Faculdade, da Universidade e da Comunicação de um modo mais amplo. Esse era o interesse declarado da área, do Departamento e meu, pessoalmente. Acho que um Curso de Jornalismo não pode prescindir de um veículo em que expresse, de maneira inequívoca, os parâmetros de ensino utilizados para a transmissão aos alunos dos princípios básicos do jornalismo.

Acho, também, que a democracia, que tanto se invoca na Universidade, é uma para a vida civil, onde cada cidadão tem a mesma valoração de seus direitos e deveres e isto está magnificamente bem expresso no voto, onde nenhum cidadão vale mais ou menos do que seus semelhantes. Na Universidade, uma instituição onde o princípio básico é a existência de categorias diferentes - professores, alunos e funcionários - estruturadas conforme a hierarquia do saber, a democracia se exerce reconhecendo e respeitando as diferenças entre os diferentes.

Creio assim, que numa disciplina onde os alunos se consideram detentores dos conhecimentos que, explicitamente deveriam aprender, a função do professor que não se presta a pantomimas só pode ser uma: o reconhecimento de que seus esforços não são necessários.

Os alunos - ou a maior parte dos alunos - que estão matriculados na disciplina responsável pela produção do jornal Três por Quatro entendem que fizeram um jornal adequado em cumprimento das tarefas da disciplina e não aceitam, de forma alguma, que ele sofra correções. Chegaram mesmo, num ato inédito numa escola de jornalismo, a defender a estranha tese de que a consulta eleitoral que apontou a lista tríplice de onde será indicado o novo Reitor da UFRGS não era notícia.

Qualquer professor de jornalismo ou jornalista com um mínimo de conhecimento das rotinas da profissão e dotado de bom senso ficaria estarecido com essa tese absurda.

Claro que se alguém não quer aprender, de nada adianta o mais brilhante professor. Sem ser brilhante, não é este professor, profissional com algum mérito na praça, que vai tentar convencer os brilhantes alunos de que eles têm, sim, algumas coisas para aprender. Se eles consideram que já conhecem o suficiente da profissão que escolheram, muito bem, até podem estar certos em sua presunção. Como professor, tenho de reconhecer que, neste caso, minha tarefa de auxiliá-los no aprendizado está encerrada. Assim, vou limitar-me a recolher o jornal que estes alunos editaram e que consideram irretocável - conceito com o qual sou obrigado a discordar quase totalmente - e encaminhá-lo à esta Chefia para avaliação se deve ou não ser impresso. Feito isso, considero encerrada minhas tarefas de professor desta disciplina.

Atenciosamente,

professor Pedro Maciel

*E os alunos?*

*Interessante o conceito de democracia do professor...*

*Medo da concorrência?*

*Que tal um semestre todo para aprender como aparecer bem na televisão?*

*Imaginem uma Faculdade de Comunicação sem discordância e debate...*

*Estarecida "aterrorizado, desolado, imóvel, de rosto". Estado que impede a argumentação.*

*Censura.*

*Estranho seria a manchete "Urana ganhou" quando ainda faltava a confirmação do presidente.*

*Não vamos ser nós, meros alunos, que vamos convencer o professor de que todos ainda temos a aprender.*

# Sem papas na língua



## Quem tem medo de opinião?

O 3x4 mudou. Resolvemos aproveitar esta chance para dizer um pouco do que não é dito. Entre escrever quarenta linhas de uma matéria já gasta e repetitiva, preferimos experimentar artigos mais aprofundados, analíticos. Experimentar é uma palavra-chave para um jornal-laboratório, embora o 3x4 não nos tenha dado esta possibilidade até agora.

Por quê opinião? Porque temos que discutir tantas coisas que estão passando por nós. Porque queremos mostrar outros pontos de vista. Porque não queremos fazer um jornal apenas para constar, para receber um conceito no final do semestre.

As nossas limitações são de tempo e de espaço. Fazemos uma publicação mensal, que estava apenas repetindo o que um jornal diário já havia dito. E repetindo mal e porcamente. Queremos que o mérito do 3x4 seja não copiar a grande imprensa, ao contrário, pautar o que ela não pauta. O que não significa falar apenas da Universidade.

Discutir é necessário, divulgar nem tanto. Tudo depende da abordagem. Apesar das aparências, o 3x4 não é um *house organ* da UFRGS, muito menos da Fabico. É muito cômodo, fácil e menos comprometedor divulgar o que é conveniente: a Universidade está em crise, 25 anos da Fabico, Wrana ganhou. Estamos carecas de saber. Será que todos não estão? Não desmerecemos os fatos, mas buscamos outras leituras. Os temas também são outros. Vamos escrever sobre coisas que nos incomodam, que chamam a nossa atenção. Vamos tocar no intocável, escapando de uma censura velada. Como diz aquele provérbio chinês, "o lugar mais obscuro é embaixo da lâmpada".

**E**ra domingo. Andava preocupado. O frio do inverno estava castigando. Meu estágio ameaçado pelo novo Secretário de Redação, um paulista com bom nome na praça e nenhum senso ético. Algo comum. Até aí tudo bem. O problema começou quando decidi romper a história com a editora. Uma mulher sensacional - no início todas são - enquanto estava dormindo, viajando ou bem longe de mim. A gente se envolve com as mulheres depois não entende nem consegue explicar como.

Caminhei bastante. As pernas doíam. O suor ameaçava congelar dentro da roupa. O cigarro queimava os lábios, mas a nicotina ia lentamente ativando cada neurônio ainda vivo que eu tinha no cérebro. Foi quando ouvi um chamado, vindo de uma dessas espeluncas que vendem bebida em qualquer esquina. A maioria ainda tem mesas de sinuca. Aquela também.

Quando entrei uma névoa escura e malcheirosa tomou conta de mim. Fui literalmente engolido por ela. Precisei tirar os óculos e limpar as lentes na camisa para conseguir enxergar o assoalho. O cheiro de cebola fritando era irrespirável.

Lá dentro um velho com barbas e cabelo completamente grisalhos apontava uma espingarda calibre doze para um gato preto sentado sobre o parapeito da janela. O cabo da espingarda tinha o desenho de uma lagoa e alguns faisões sobrevoando um imenso vale. Logo pude reconhecê-la.

Você está certo. Foi essa mesma arma que Perry Smith e Dick Hickock usaram para matar a família Clutter, no dia 15 de novembro de 1959. Em julho de 1961 ela estava nas mãos do Papa quando... - disse um gordo, careca, com sotaque típico do sul dos Estados Unidos. Era ele: Truman Capote. O velho de barbas era Hemingway. Soltou uma das suas gargalhadas e disse adeus ao felino.

Quando ia apertar o gatilho, um senhor, careca, vestindo terno e

## Hello, Hemingway

Crônica de João Porto

gravata, falando um inglês inpecável, exceto por uma ou outra expressão portenha que traía suas origens.

- Por favor homens, façam alguma coisa. Até eu que sou cego estou vendo o que esse maluco está pretendendo fazer com meu gato - disse ele. Era Jorge Luis Borges.

Fazia mais de 24 horas que eu não bebia, nem dormia. Portanto, poderia estar morto e nem tivera tempo de perceber ou poderia estar sonhando. Esta última alternativa encheu-me de ânimo. Fechei os olhos imaginando que estava na minha cama. Nessa hora um homem magro e elegante, usando suspensório, agarrou-me pelo braço e disse, com um fortíssimo sotaque italiano, para que eu não me preocupasse. Um encontro daqueles daria uma excelente matéria para o 3x4. Sentado numa cadeira de palha, Antoninho Gonzalez não conseguiu conter o riso:

- A vida tem dessas coisas. Se um cachorro morde a perna de uma mulher não é notícia. Mas se a moça...

- Chega de teoria, Quem não sabe fazer ensina - bradou Hemingway. Veio sentar-se ao meu lado deixando a espingarda para ser disputada através de uma partida de xadrez entre Borges e Truman Capote.

- Papa, que conselho você daria para quem está começando? - perguntei.

- Tudo o que sei aprendi com a vida. Nunca entrei numa escola de jornalismo. É preciso contar uma história, fazer uma matéria é isso: como se fosse um telegrama pago com o nosso próprio bolso, cada palavra custa muito caro. Usar o mínimo de adjetivos. Advérbios somente em último caso. Mas, meu velho, acima de tudo, viver é experimentar - disse Hemingway, enquanto bebia meia garrafa de vinho num único gole.

Eu já estava me sentindo perturbado. O stress, o cigarro, a bebida, a faculdade, o estágio, enfim, a vida, tinham me destruído. Levantei-me da mesa e fui dar uma olhada no jogo de Borges com Truman Capote. O argentino estava com dois peões de vantagem. Poderia dar xeque-mate em 4 lances. Queria ver se ele previra. Não poderia perder essa chance. Então Hemingway agarrou meu braço com uma certa ternura:

- Frases curtas. Parágrafos breves, secos, fortes, cortantes como a lâmina de uma navalha. Nenhuma pincelada a mais. Lembre-se que a grandeza de um iceberg provém do fato de que apenas um oitavo dele fica na superfície. O leitor precisa ter seu espaço, a sua chance de compartilhar a descoberta, exercitar sua inteligência, sua capacidade de sonho. Nunca podemos dizer tudo.

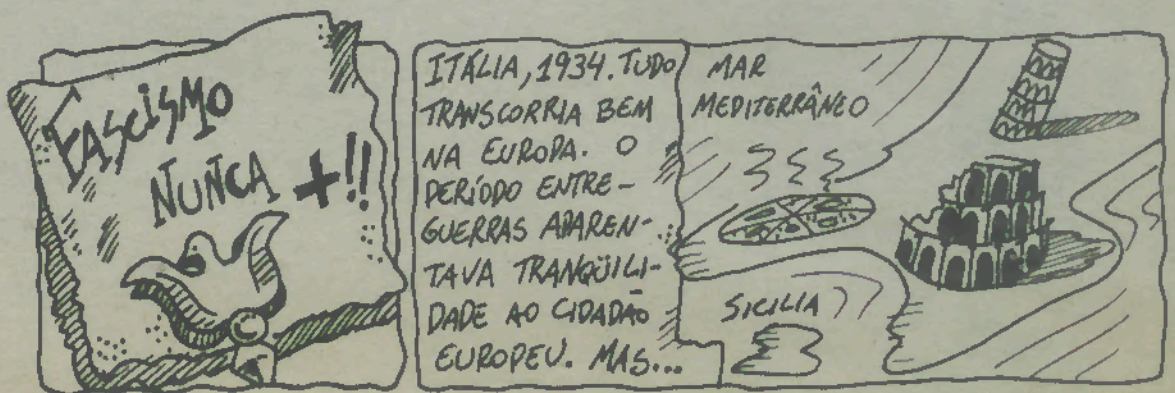
- Deixe de ser chato, Hemingway. Ele precisa de um diploma, não de uma receita - falou com ironia Walter Benjamim. - Vá embora filho. Por hoje é o suficiente. Escreva sempre, mas faça-o com sentimento, porque toda escritura é sagrada.

Estava desesperado. Queria sair correndo. Ao mesmo tempo, precisava ver o final do jogo de xadrez. Borges estava segurando o cavalo. Queria, precisava ver se ele iria colocá-lo na casa correta: mate em 4 lances.

Nessa hora minha atenção foi desviada pelo ranger da porta. Estavam entrando dois homens. O primeiro era Vladimir Nabokov, com seu sobretudo coberto de neve. O outro...

- Não. Esse aí não - gritei. E saí correndo porta a fora, carregando comigo aquele sujeito careca, gordo, de óculos, que trazia duas cobrinhas no bolso do paletó.

H.Q.



Jornal laboratório - Curso de Comunicação Social - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - UFRGS  
Redação Jornalística IV

Professor responsável: Wladimir Ungaretti

Participaram da edição: Alessandra Batista, Alessandra Mello, André Barradas, André Conti, Andreza Cunha, Carlos Alberto Salomoni, Cláudia Porcher, Daniela Picoral, Denise Simeão, Eduardo Cardoso, Eliana Raffaelli, João Porto, Luciano Miranda, Márcia Ruppenthal, Marja Pfeifer, Marlei Ferreira, Patrícia Haubert, Paula Coutinho, Rafaela Grazziotin Fabico - R. Ramiro Barcelos, 2705 B. Santana, Cep 90035-007 F. 316-5132



# Técnicos da Informação

O jornalismo da Fabico carece de formação humanística

Quem analisar o currículo de jornalismo da Fabico/UFRGS pode observar que ele é composto por dois blocos. O primeiro, voltado para dar um suporte teórico aos alunos e o segundo com o intuito de oferecer conhecimentos técnicos e práticos. A estrutura curricular do curso obedece à noção de que o aluno deve conhecer primeiro a teoria para depois aplicar os conhecimentos na prática.

Nenhum dos blocos curriculares corresponde às expectativas e necessidades dos acadêmicos. No conjunto, o currículo não oferece um ensino qualificado para formar jornalistas aptos a exercer suas funções com espírito analítico e crítico. Isso acontece porque o curso carece de conteúdo humanístico. As poucas disciplinas que existem na área de ciências humanas no currículo obrigatório são pouco aproveitadas. O desinteresse dos alunos por essa área no início do curso e a falta de preparo dos professores para dar uma aula expositiva de bom nível explicam o problema.

No bloco teórico perde-

se centenas de horas-aula com exposições de obviedades. Para que servem professores que dizem "o rádio é um veículo de comunicação sonora"? Frases como essa, são conteúdo de aula

**No curso de jornalismo da Fabico, não se ensina, não se opina, não há debate. A hipocrisia é a tônica das aulas.**

para avaliação em provas e trabalhos. A leitura de livros de introdução aos veículos de comunicação, como os manuais clássicos sobre produção em televisão, rádio ou jornalismo gráfico, ensinariam muito mais, em um mês de leitura. A obra "Técnicas de Codificação em Jornalismo", de Mário Erbolato, deixa os alunos pós-graduados na disciplina de Fundamentos de Jornalismo Gráfico. Nada mais que o conteúdo desse livro é abordado em um semestre de aula.

A nulidade curricular chega ao ápice nas aulas-re-

lâmpago de alguns professores. Disciplinas de dois créditos terminam em 15 minutos semanais. O único objetivo é preencher a folha de chamada. Os alunos só vão à aula para gritar "presente" e, assim, evitar a reprovação por falta de frequência. A avaliação não passa de trabalhos em nível de escola secundária, que servem apenas para constar do programa da disciplina. Soma-se a isso a convivência dos alunos, que agradecem o tempo ganho para o ócio.

No curso de jornalismo da Fabico não se ensina, não se opina, não há debate, não se discute os problemas da profissão. Salvo raras exceções, não se produz conhecimento. A hipocrisia é a tônica das aulas. Vale o clássico bordão: professores que fingem dar aula para alunos que fingem aprender. No bloco técnico-prático há disciplinas em excesso. Nas áreas de televisão, rádio e jornalismo gráfico existem três disciplinas de quatro créditos para cada uma das áreas. Os professores não ocupam todo o tempo de aula e nem precisam ocupá-lo. O conteúdo dado em três semestres em tele-

visão e rádio pode ser reduzido a dois, incluindo o programa das disciplinas de fundamentos de rádio e televisão.

Um jornalista não se forma apenas com conhecimentos técnicos. A técnica deve ser somente um meio pelo qual o profissional desenvolve suas idéias, fundamentadas em conhecimentos humanísticos. O profissional de comunicação social em jornalismo precisa de conhecimentos em ciências hu-

**No conhecimento humanístico guarda-se o diferencial entre o bom profissional e o profissional medíocre, burocrático.**

manas, adquiridos durante a sua formação acadêmica como parte fundamental do currículo.

Sociologia, Economia, Política, Línguas, História, Geografia e Filosofia são disciplinas imprescindíveis para um jornalista se tornar um profissional qualificado para o trabalho. No

conhecimento humanístico guarda-se o diferencial entre o bom profissional, atento às transformações da sociedade, e o profissional medíocre, burocrático, mero cumpridor de pautas, mais qualificado para passar recados como copidesque de *press-releases*.

No jornalismo da Fabico têm-se de um lado, um ensino humanístico nulo e do outro muitas disciplinas de nível técnico de péssima qualidade. Forma profissionais aptos à exigência do mercado, mas incapazes de suprir as necessidades da profissão, ou seja, possuir uma visão crítica da sociedade, ir além dos fatos. Não adianta o jornalista ter na cabeça a fórmula mágica do *lead* se ele não tem condições de relatar nada mais do que os fatos. Dominar o "como escrever", conhecer técnicas de redação, seleção e hierarquização da notícia é importante em um curso de jornalismo. Porém, possuir conhecimentos para dominar o conteúdo da mensagem é o fator fundamental para a formação do jornalista.

Carlos Alberto Salamoni

## Massacre das teorias na gincana universitária

Comemorem, abracem os familiares e comprem os primeiros livros: vai começar mais uma etapa da grande gincana. Esta é a verdadeira história da chegada dos "bixos" à universidade. Jovens na faixa dos 17 anos, na maioria, após passarem por um ensino muitas vezes superficial, finalmente vencem na loteria do vestibular. Em mente apenas um objetivo: buscar conhecimento e realizar o sonho de ter uma profissão. Talvez em muitos cursos as expectativas possam ser de certa forma correspondidas. Azar daqueles que ao prestarem vestibular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul optarem pela comunicação social.

A violência contra o sonho destes jovens é algo cruel. Já na matrícula deparam-se com as disciplinas que terão que cursar nos primeiros semestres, como a famosa Teoria da Comunicação e as teorias do jornalismo, relações públicas e publicidade. À primeira vista parece se tratar de instruções teóricas sobre estas atividades. Nenhum deles sequer imaginou que pudessem existir teóricos de uma tal ciência da comunicação. "O que é isso, mas eu só queria falar na TV!", diriam os mais despreparados.

E então começa o show. As palavras mais usadas -

talvez pelo seu impacto são o monopólio dos meios de comunicação ou, quem sabe, cultura e os meios de comunicação de massa. Os estudantes, ainda tontos, redigem resenhas às pressas no final do semestre sobre os tais McLuhan, Enzensberger, Umberto Eco e quem mais aparecer. Quando chega a sociologia da comunicação então a confusão é total. Ninguém consegue entender o porquê de se estudar e nem mesmo cultivar algum interesse sobre o que pensava Durkheim, Hegel ou Weber.

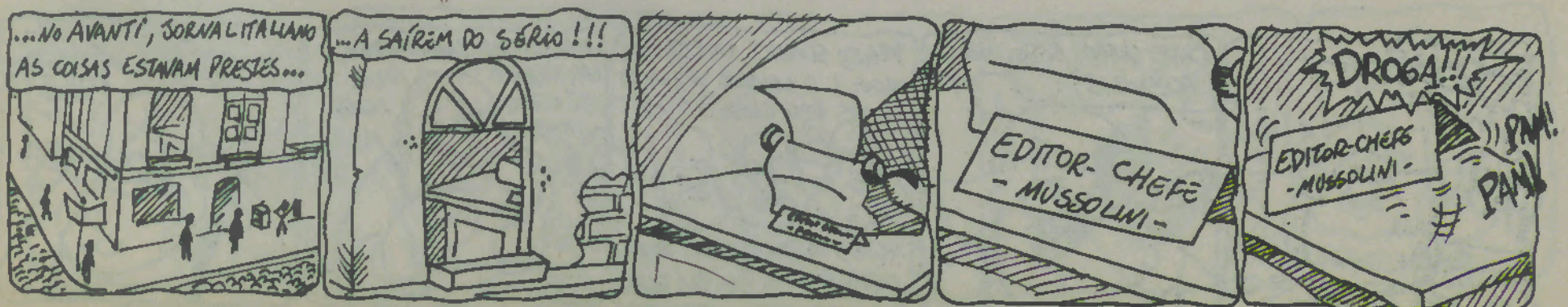
Se na matemática a ordem dos fatores não altera o resultado, no currículo da comunicação a história é outra. Por que violentar um estudante do primeiro semestre com teorias sobre o papel dos meios de comunicação se ele talvez não conheça noções mínimas do que é e de como funciona um veículo de comunicação. Em todas as atividades é necessário um processo de amadurecimento. Não adianta pedir a um jovem de 17 anos para que critique a postura adotada por juízes na atualidade se ele ainda não conhece as leis fundamentais do direito.

Depois do massacre das teorias vem a gincana propriamente dita. Quem conseguirá entregar duas matérias

de três laudas no prazo de uma semana com o *lead* exigido pelo professor? Quem entregará um maior número de resenhas no menor espaço de tempo? Enfim, quem ganhará o melhor conceito? Cumpra-se tarefas para passar de uma etapa para outra e não há tempo para reflexão.

Depois da overdose de trabalhos práticos sem nenhum estímulo à busca de conhecimento chega então o golpe final da incoerência: a monografia. Os estudantes de final de curso descobrem que precisam de uma base teórica para realizar a monografia e entram em pânico. Nos primeiros livros que são pesquisados aparecem aqueles nomes como Durkheim, Weber e McLuhan. E agora? Não há mais tempo para estudar as teorias de cada um deles, pois precisam se dedicar ao tema da pesquisa. A sensação é de perda de tempo. De que valerem os inúmeros telejornais produzidos se agora não se possui argumentos para avaliar o telejornalismo brasileiro? A saída, quase sempre, é encarar a monografia como a última grande tarefa da gincana. É aí que o aprendizado da arte de enrolar é posto a prova. Basta seguir a receita.

Alessandra Mello





Que o mercado é difícil, todo mundo está cansado de saber. Principalmente quando se fala na área de comunicação. A grande novidade, no entanto, é que existem, sim, maneiras ousadas e sobretudo criativas para driblar esta e outras dificuldades. Seja aqui em Porto Alegre ou em qualquer outro lugar. O prêmio? A possibilidade de sair-se bem sucedido e a certeza de ser dono do próprio nariz.

Nem todo mundo pode ser patrão. Até aí, tudo bem. Mas também, nem todo mundo precisa ser empregado. E isso vale tanto para o jornalista, como para o publicitário e o relações públicas. Por que não? Embora as nossas faculdades não incentivem a formação de um profissional de comunicação com perfil autônomo, capaz de criar seus próprios espaços, este parece ser o caminho do futuro. Encontrar alternativas de trabalho capazes de suprir necessidades latentes do mercado.

Jornais segmentados, assessorias de comunicação, produtoras de vídeo e documentários, programas independentes de rádio e TV, agências de publicidade e propaganda e de relações públicas com estilo diferenciado, além de outros tipos de prestação de serviços. Estes são apenas alguns exemplos de empreendimentos indepen-

dentos que estão dando certo. Mas não são os únicos. Outros tipos de empreendimentos estão à espera de observadores sagazes que tenham condições de descobrir novos nichos num mercado repleto de pluralidades.

Perceber tendências e criar

de conhecimento e a produção constante de boas idéias.

É inconcebível, hoje, que a maioria dos estudantes de comunicação saiam da faculdade esperando encontrar trabalho nas grandes empresas do ramo. Estas empresas de forma alguma

brevivência tranqüila de uma pequena imprensa apesar da existência de uma grande imprensa. Que uma agência de publicidade pequena possa tornar-se grande tendo clientes de pequeno porte. Desenvolvendo um outro tipo de mentalidade e um novo estilo de atendimento. Olhando para o quarteirão e para o bairro, ao invés do país e do mundo.

Muitos já estão se dando conta destas mudanças e do que elas significam. Inclusive alguns "fabicanos". É hora de refletir e ter a consciência de que existem

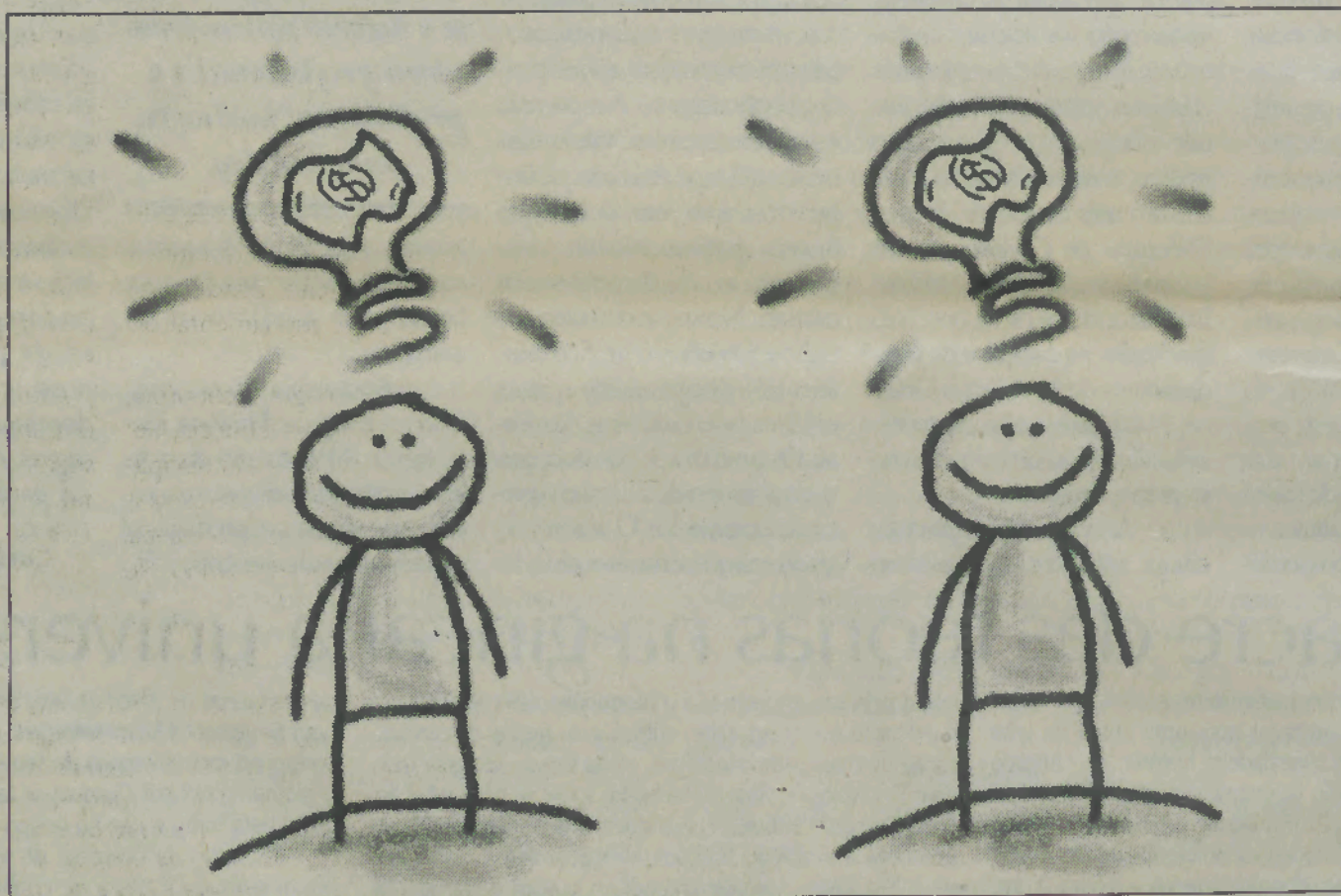
escolhas. Ao contrário do que se diz dentro e fora da faculdade, principalmente na área de comunicação. Opções profissionais que, fugindo do óbvio, constroem novas alternativas de trabalho. Importante é decidir, planejar e, mãos à obra.

Sair da faculdade trabalhando por conta própria não é mais um sonho distante. Investir em um novo empreendimento, preen-

chendo lacunas que existem no mercado é apostar no futuro e ter a chance de aprender muito mais do que em qualquer outro lugar. Administrando os erros e os acertos. Arriscando desenvolver um panorama mais democrático em se tratando de comunicação.

Patrícia Haubert

## Empregado ou empregador?



novas oportunidades depende sobretudo da proposta de um trabalho sério, ousado e apaixonado. Agora, mais do que nunca, o profissional da área de comunicação precisa estar atento, bem preparado em todos os sentidos, preocupando-se não só com as técnicas e tecnologias, mas com a captura diária de um máximo

têm o poder de absorver toda mão-de-obra especializada que chega ao mercado. E se as faculdades continuam lotadas, o que acontecerá com estes profissionais? Onde irão trabalhar? Viverão do quê? Serão obrigados a buscarem seus espaços. Não há nada de profético em garantir que pode haver a so-





# Profissão: estagiário

Hoje em dia, está em moda discutir ética. Discute-se a ética na política, na economia, na sociedade... E no jornalismo não é diferente. Existem vários aspectos que podem ser analisados sob uma perspectiva ética nesta profissão, mas vou me restringir a um aspecto específico: o estágio.

Teoricamente o estágio em jornalismo não é regulamentado, o que impede, portanto, que os estudantes de jornalismo exerçam qualquer função referente a atividade jornalística antes de formados. Mas na prática, aliás como sempre na prática, isso

auxílio.

Na maioria das vezes o estagiário recebe uma carga de responsabilidade e um volume de tarefas que de nada ficam a dever ao trabalho executado por um jornalista formado. E é claro: a remuneração do estagiário é muito inferior, para não dizer aviltante.

O Sindicato dos Jornalistas defende que a não regulamentação do estágio tem como objetivo proteger e valorizar o profissional formado e garantir a qualidade do trabalho. Mas como se vê, não existe nenhum controle sobre os es-

municação.

O Sindicato dos Jornalistas deveria se preocupar não em vetar o estágio, mas sim em regulamentá-lo de forma a proteger o direito dos estudantes, diminuindo assim, a discrepância salarial e evitando a concorrência desleal com os profissionais formados. Se a questão do estágio não for repensada, as empresas de comunicação menos sérias e comprometidas com o verdadeiro jornalismo vão continuar se apoiando no trabalho barato dos estagiários. E o pior de tudo é que essas empresas vivem da

## Estágio é essencial para a boa formação profissional

A proibição do estágio aos estudantes de jornalismo é uma atitude retrógrada que se opõe à formação integral dos futuros profissionais em comunicação de todo o Brasil. Legal para as áreas de Direito (que obtém, inclusive, uma pré-inscrição na Ordem dos Advogados do Brasil) e Medicina (cuja formatura só é admitida após estagiarem por um período mínimo de um ano), o estágio contribui para a complementação curricular, expondo os estudantes às situações rotineiras da futura profissão.

Embora ilegal, o estágio é prática comum nos veículos de comunicação. Burlando a lei, algumas empresas chegam a empregar 90% de estagiários em suas redações (caso do jornal *A Razão*, de Santa Maria, cuja redação é composta por cerca de 50% de estagiários), atirando-os à responsabilidade profissional sem nenhum apoio didático.

O Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul encontra-se dividido quanto à questão. Recentemente, na Conferência Nacional dos Jornalistas, realizada em junho, em Porto Alegre, a proposta gaúcha mostrava um avanço considerável, se comparada àquela mantida durante anos pela entidade. Na proposta levada pelos gaúchos, pedia-se a regulamentação do estágio, com período limitado (máximo de seis meses sem renovação no final) e acompanhamento didático de professores e profissionais, com fiscalização efetiva das condições de trabalho e funções exercidas pelos estudantes dentro dos veículos.

Esta fórmula acabaria com algumas discrepâncias que estão em uso atualmente como a jornada de trabalho

superior às cinco horas regulamentadas à profissão, salário inferior ao piso da categoria (atualmente os salários dos estagiários ficam em torno de R\$ 100,00). Além disso, haveria um intercâmbio efetivo entre estudantes e sindicato. Atualmente os estagiários - considerados ilegais perante a lei - encontram-se completamente desprotegidos e não têm a quem recorrer. Por serem ilegais, não podem buscar apoio no sindicato e se vêem obrigados a se submeterem a condições de trabalho insustentáveis para adquirirem prática profissional.

Além disso, a regulamentação do estágio provocaria uma aproximação natural entre as faculdades de comunicação e os sindicatos da categoria. Ajudaria também a mudar a atual imagem destas entidades entre os profissionais, que passariam a vê-lo como uma arma e não mais como um inimigo (talvez resida aí a baixa participação dos novos jornalistas nas mobilizações e reuniões promovidas pelo sindicato).

O principal argumento utilizado por aqueles que se colocam contra o estágio é que ele tiraria o lugar de profissionais já habilitados no mercado de trabalho. A argumentação é válida, enquanto não existir uma fiscalização eficaz. Mas não são os estudantes que tiram lugar dos profissionais. A questão é mais profunda e deve ser revista dentro dos sindicatos. Não será a má formação profissional ou a grande quantidade de faculdades de comunicação despejando anualmente milhares de novos profissionais no mercado os responsáveis por estas discrepâncias?

Marlei Ferreira

*Na maioria das vezes o estagiário recebe uma carga de responsabilidade e um volume de tarefas que de nada ficam a dever ao trabalho executado por um jornalista formado.*

não funciona.

O que vem acontecendo são aquelas velhas manobras que acabam dando um "jeitinho" nos empecilhos para a realização de um estágio. As expressões "auxiliar" e "sob a supervisão de um jornalista responsável" são indispensáveis para quem pretende estagiar em jornalismo. Basta colocar no contrato que as atividades exercidas pelo estudante serão para "auxiliar" atividades executadas "sob a supervisão de um jornalista responsável" que está tudo resolvido. Seria muita ingenuidade acreditar que as atividades são realmente de

tágios irregulares e o que acaba acontecendo é justamente a absorção da mão-de-obra barata do estudante pelo mercado.

Diante disto, as empresas de comunicação se fortalecem e diminui o poder de negociação tanto dos estagiários, quanto dos formados. É ético? Não sei. Só sei que não é justo. Saem perdendo os jornalistas diplomados que disputam espaço com a mão-de-obra barata e perdem também os estagiários que, com receio de não conseguir praticar o que aprendem nas Universidades, se sujeitam e compactuam com a exploração das empresas de co-

rotatividade dos estagiários. A grande maioria dos estudantes, depois de formada, não é efetivada e acabam aumentando o número de jornalistas diplomados sem uma colocação no mercado de trabalho.

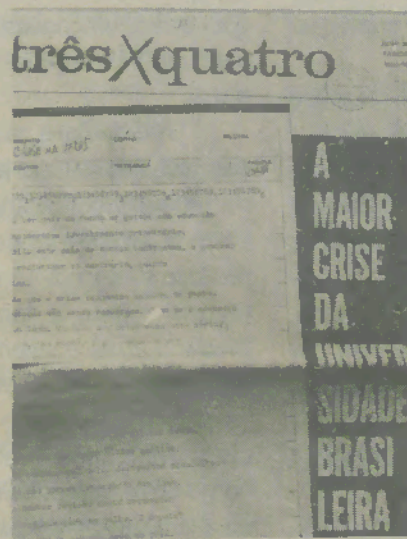
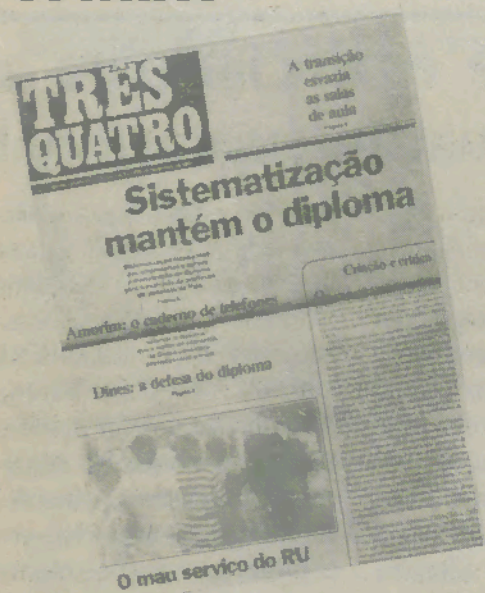
É verdade que cada empresa tem a sua própria ética; umas mais, outras menos. Mas nós jornalistas, ou futuros jornalistas, não podemos nos acomodar a esta realidade. É preciso nos mobilizarmos para evitar que, na virada deste segundo milênio que promete novas evoluções, ainda fiquemos à mercê da selvagem ética empresarial.

Paula Coutinho





# Ainda somos



**T**rês décadas incompletas, alunos que viraram professores, uma proposta inicial que se perdeu. Examinar exemplares antigos do 3x4 é engraçado, mas também é estranho. Engraçado porque se pode ver como alguns professores eram nos seus tempos de alunos (e, pode acreditar, eles eram tão ou mais ingênuos que nós). Estranho porque dá uma sensação de perda de tempo. Algumas coisas saltam aos olhos tão iguais que você se pergunta: mas como? Ainda somos os mesmos?

Em vinte e quatro anos, o 3x4 foi de uma conformidade histórica. Nos anos 70, era descontraído. Aquela coisa de mostrar que quem faz comunicação é alternativo. Nos anos 80, comprometeu-se com o sindicato (é espantoso o número de matérias sindicais). Nos anos 90, perdeu-se nas grandes causas da Universidade Pública: um discurso decantado sobre neoliberalismo, privatização e sucateamento (curiosamente nenhum número abordou o que é o neoliberalismo, a política de privatização - de forma aprofundada e não apenas em relação à Universidade Pública que, aliás até agora não foi privatizada - ou até que ponto nós, alunos, professores e funcionários somos também responsáveis pelo sucateamento. Nada de pontos de vista diferentes). Seguimos as ondas e nada de novo apareceu. Até seria compreensível tratando-se de uma empresa jornalística. Mas para um jornal pretensamente laboratório é lamentável.

Jornal-Laboratório?! Sim, o 3x4 pretendia ser um. O primeiro número, quando a publicação ainda não era curricular, trazia um entusiasmado editorial: "não sabemos quanto tempo irá durar (...) Não teremos orientação uniforme em termos editoriais. Aliás, isto

é decorrência da própria condição do jornal, que é, antes de tudo, um laboratório de pesquisa jornalística. Enfim, estamos aí." Primoroso. Não fosse um pequeno detalhe no expediente, que complica a questão. O 3x4 é definido como "órgão do Departamento de Comunicação da Fabico". Afinal, quem é que está conduzindo a tal "pesquisa jornalística": o departamento ou os alunos?

**Nenhum 3x4 fez uma discussão séria sobre os limites técnicos e teóricos do nosso curso. Dos caminhos e descaminhos da técnica e teoria.**

A informação foi corrigida no número posterior (o 3x4 passou a ser "órgão dos alunos do curso de comunicação da Fabico"). mas por outras vezes o departamento esteve envolvido com o 3x4, inclusive orientando editorialmente. Em 75, um editorial explica que o jornal passa a ser de bairro (no caso, o Bomfim), por determinação do departamento. Bem mais recentemente, a edição de maio de 1996 ficou trancada no departamento para ser examinada e, conforme análise, impressa ou não.

E os alunos? Bom, passada uma fase inicial em que tudo era festa, em que se publicava fotos das turmas que iriam se formar (nos anos 70 - poucas turmas ousaram fazer isso nos anos 80), sente-se que a coisa começa a deixar de ser divertida. Alguns editoriais querem esboçar mudanças, mas os jornais invariavelmente voltam à mesmice. Descobrimos que somos iguais a eles. Com uma vontade inicial de fazer um bom jornal, seguida da

decepção de ter de fazer uma coisa apenas para constar.

Editoriais que confundem. Quem escreveu: os alunos ou o professor? Essa é uma característica do 3x4 a partir dos anos 80. Os temas? Dentro da faculdade estávamos preocupados com... a falta de recursos técnicos. Que velha novidade! Quando foi inaugurado o estúdio de tv, que chique, até o reitor compareceu. E o 3x4 cobriu tudo, esfuziante e com pena dos veteranos e formandos, que não teriam tempo para usá-lo. Mal sabiam eles que voltariam a reclamar da falta de recursos. Em contrapartida, nenhum 3x4 fez uma discussão séria sobre os limites técnicos e teóricos do nosso curso. Dos caminhos e descaminhos da técnica e teoria. Também não nos aprofundamos na discussão curricular. Aliás, quando este nosso currículo foi implantado, uma edição do 3x4 proclamou: "Novo currículo exige mais professores", "Agora mais créditos opcionais" (edição de setembro de 85). E esta pérola, no meio de toda a animação com o novo currículo: "No Brasil existe uma nova república com velhos políticos; na Fabico, novo currículo com os mesmos professores". É, muitos professores ainda são os mesmos. E as opcionais? Bom, infelizmente elas ficaram no papel e na imaginação delirante dos bixos.

Mas a dor maior quando se examina uma pilha de 3x4 vem quando a gente se dá conta que fez uma capa igual. Idêntica. Junho de 90, manchete da capa: "A Universidade Ameaçada". Segue texto com foto da UFRGS com um X preto. Abril de 96, a manchete da capa é... "A Universidade Ameaçada". Segue... texto e foto da Fabico rasgada. Não se engane. Não era a mesma turma, mas o professor era o mesmo.

Marja Pfeifer





# os mesmos?

Há 24 anos surgia o primeiro 3x4. Custando Cr\$0,50, o exemplar de novembro de 1972 já parecia prever as dificuldades pelas quais passaria a publicação.

"(...)Enfim, estamos aí. Não sabemos quanto tempo vai durar. Mas enquanto existirmos, seremos fiéis aos nossos princípios. Tentaremos cumprir nossos objetivos em cada edição. Não teremos orientação uniforme em termos editoriais. Aliás, isto é decorrência da própria condição do jornal, que é, antes de tudo, um laboratório de pesquisa jornalística. Enfim, estamos aí..."", dizia parte do editorial.

Pois foi justamente a discussão em torno do conceito "laboratório" entre o então professor desta disciplina neste semestre (96/1), Pedro Maciel, e os alunos que gerou a troca do professor responsável.

Acompanhando os editoriais das 48 edições do 3x4 que se encontram arquivadas na biblioteca da Fabico é possível constatar a preocupação dos alunos: com a qualidade desta publicação que "deveria ser uma miniatura ou uma amostra do curso e das possibilidades dos futuros profissionais" (3x4 de dezembro de 1973); com a formação que o curso lhes proporcionou; e com o futuro no mercado de trabalho. Para ilustrar, vamos a trechos desses editoriais.

"(...)No Brasil existe uma Nova República com velhos políticos; na Fabico, um novo currículo com os mesmos professores. Que não se repita na Faculdade os vícios da política nacional..." (3x4 de setembro de 1985)

Neste editorial, assim como no 3x4 de 84/2, constam reclamações pela falta de participação dos alunos nas decisões da Faculdade. E retratando a perda da identidade do jornal - que fazia 13 anos - e de seus princípios, é proposta uma pesquisa sobre a linha editorial,

o público alvo e sua função social.

No ano seguinte, em maio de 1986, sob o título "Hora de Repensar o 3x4", o editorial trazia a seguinte inquietação dos alunos:

"(...)O que ocorre é que realmente não se dá importância devida ao veículo que possuímos. Falta a ele uma unidade. Como jornal de Faculdade, ele deve ser o catalisador do que acontece aqui dentro e que nos atinge. Como jornal de futuros profissionais de comunicação, ele terá de ser o retrato daquilo que nós acreditamos ser jornalismo. Só que fazemos o papel de alunos de um ensino precário, leitores de um jornal 'insosso' e profissionais que serão nivelados e remunerados por baixo. É preciso que aconteça a mudança..."

Não adiantaram as pesquisas, os debates, as reclamações e críticas dos alunos. Uma espécie de "força maior" parecia impedir os alunos de fazerem um jornal idealizados por eles, com suas idéias e explorando a criatividade. Em maio de 1988, os alunos criticam a desuniformidade do 3x4 no editorial "Sapateando no Mosaico":

"(...)As explicações (já que é sempre preciso apontá-las): talvez o curso em si, talvez o fato de estarmos chegando ao fim dele - leia-se falta de motivação, saco cheio, descrença na possibilidade de que este lugar, esta cadeira, estas atividades possam significar algo realmente válido. Ninguém mais acredita na Fabico como um laboratório de criatividade, ousadia, vôos livres..."

O fato de ter se tornado uma publicação ignorada pelos próprios alunos da Faculdade, onde alguns, inclusive, não sabiam de sua existência desmotivou as turmas que tinham a responsabilidade de sua confecção. O 3x4 acabou sendo encarado como mais um trabalho a ser feito apenas para cumprir os créditos obrigatórios

e chegar logo à formatura.

"(...)Deve ser admitido que o Três x Quatro, da maneira como vem sendo elaborado, não é um jornal bem resolvido. Desperta pouco interesse aos possíveis leitores, cabendo ser repensada a adequação das pautas. Além disso, sente-se a ausência de uma personalidade, uma 'cara' da publicação, e uma conseqüente justificativa de sua existência que não o permita ser chamado como mais um trabalhinho feito por universitários..." (3x4 de janeiro de 1992)

Na edição de agosto a dezembro de 1992 o 3x4 comemorava 20 anos. E a matéria de capa, que deveria ser uma homenagem ao jornal, acabou revelando o motivo da falta de identidade da publicação.

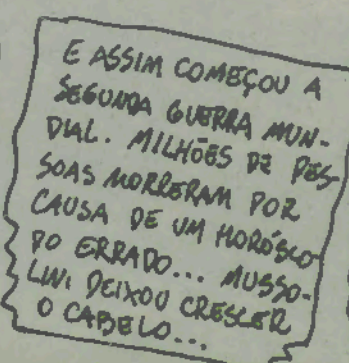
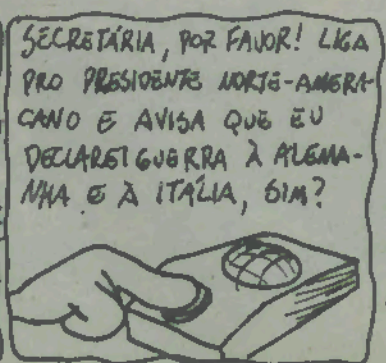
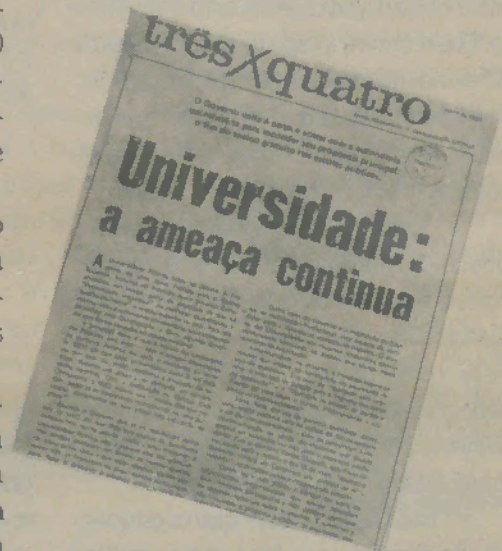
"(...)O professor Ricardo Schneiders admite que a falta de uma linha editorial atrapalhe e também critica os últimos números, 'para trabalhos livres existe a revista Sextante', diz..."

Esta afirmação do professor torna claro que o princípio proposto na primeira edição de que o jornal seria um laboratório de pesquisa jornalística foi totalmente ignorado. Daí, a desuniformidade do 3x4: enquanto os alunos queriam experimentar, lhes era apresentado um projeto já pré-definido para o veículo.

Nesta edição, a última deste semestre e desta turma, conseguimos recuperar parte da autonomia perdida. Agora estamos publicando um jornal de opinião, no qual tivemos a oportunidade de escrever - sem censura de conteúdo e linhas - sobre o que achamos do curso, da universidade, da profissão.

Fica o desejo - e o nosso apoio para tanto - de que as próximas turmas que tiverem a oportunidade de elaborar o 3x4 mantenham o que nós conquistamos. E tentem ir além, é claro.

Rafaela Grazziotin





## Jornalismo sem prática?

Milhares de vezes já nos disseram que a teoria aliada à prática é a melhor forma de aprendizagem. Por que, então, a prática verdadeira continua ainda tão distante de uma faculdade de jornalismo? Por que os trabalhos que produzimos ficam trancados a sete chaves dentro da faculdade? Ou será que a produção de um jornalista não é para ser vista e ouvida pelos outros?

A Universidade dispõe desde 1957 de uma rádio AM com potência de 10 Kilowatts e alcance de 250 Km. Eventualmente, o sinal da Rádio da UFRGS é captado também no Uruguai, Santa Catarina e Paraná. Mas, infelizmente, o público ouvinte - 70 mil pessoas, de acordo com uma pesquisa do Ibope - raramente escuta trabalhos produzidos pelos alunos de jornalismo da Universidade Federal.

Ao todo são quatro disciplinas de rádio obrigatórias que constam no currículo. Elas reúnem, a cada semestre, cerca de 80 alunos no total. Alunos que fazem sínteses noticiosas, boletins, reportagens, entrevistas, programas especiais, rádio-revistas, comentários e crônicas radiofônicas.

Todo este material - que não é pouco - no máximo é ouvido e comentado pelos colegas e professores em sala de aula. Depois disso, cai no esquecimento. O fato de não produzir para um público determinado contribui para que os alunos façam trabalhos só para constar e garantir um conceito satisfatório no final do semestre.

Isso não quer dizer que os estudantes não tenham capacidade para produzir trabalhos de qualidade. O que falta é estímulo. O ideal seria que professores e alunos se unissem para melhor aproveitar a infra-estrutura que a Rádio da Universidade oferece. O próprio diretor da Rádio, Sérgio Stosch, afirma que o veículo está aberto para a divulgação de todos os trabalhos produzidos por estudantes não só da UFRGS, como também de outras universidades. Embora atualmente não seja possível utilizar a Rádio como laboratório para os estudantes devido à limitação de espaço físico, há pelo menos a disposição de colocar no ar os programas acadêmicos.

Acredito que isso daria um incentivo a mais aos futuros profissionais e nos colocaria mais próximos da verdadeira prática que o jornalismo exige.

*Eliana Raffaelli Lopes*

# Rádio Livre: uma alternativa

Uma rádio de estudantes, que funcionou no prédio da Faculdade de Educação durante a greve dos servidores no primeiro semestre, reacendeu uma idéia que foi a coqueluche da década de 70: as rádios livres. A rádio foi ao ar por 36 dias, até que o Ministério das Comunicações, através de sua delegacia no estado, a interditou no dia 28 de maio. Atualmente, o equipamento está impossibilitado de funcionar sob um Termo de Lacreção, com o lacre nº 14373.

A 104.6 FM é um transmissor de baixa potência, cinco watts, utilizado em projetos pilotos de rádios livres ou comunitárias, atualmente ajustado na frequência que dá origem ao seu nome. A idéia da criação desta rádio não é de hoje. Em 1995, o transmissor já havia sido utilizado durante o VII Artebio, a semana de Arte e Cultura dos Alunos

jetivo "viabilizar um veículo de comunicação dos estudantes, sem fins lucrativos, voltado para a discussão das questões sociais e da Universidade". A Rádio da Universidade, que deveria servir também a esse objetivo, impõe inúmeras barreiras, falta discussão com a comunidade universitária e os espaços são restritos, se tornando um veículo de difícil acesso aos estudantes.

De fato, há muito tempo se discute a questão da democratização dos meios de comunicação frente ao evidente monopólio existente no Brasil. Alguns, satisfazem-se em apenas ficar reclamando do poder dos Robertos Marinhos e ACMs da vida, como se alterar essa estrutura não dependesse também de uma profunda mudança de conjunto no país. Outros, que já perceberam que as vias institucionais estão cada vez mais falidas, procuram alternativas. As

tro Nacional de Rádios Livres, realizado na USP, com a participação do Fórum Nacional em Defesa da Democratização dos Meios de Comunicação, foram discutidos três requisitos para uma rádio livre ou comunitária: representar os interesses de uma comunidade, ter baixa frequência e não ter fins lucrativos, embora possa veicular comerciais para cobrir seus custos. Por fim, deve ser gerida por um Conselho.

Esses critérios consistem uma das oito leis que hoje tramitam no Congresso a respeito do assunto.

Um dos projetos do Governo determina que baixa frequência deve ser 10W e não 800W como quer o Fórum.

O Ministro das Comunicações, Sérgio Motta, se comprometeu a não apreender nenhuma dessas rádios enquanto essa discussão estivesse sendo feita, o que obviamente não foi cumprido.

*Alguns, satisfazem-se em apenas ficar reclamando do poder dos Robertos Marinhos e ACMs da vida. Outros, que já perceberam que as vias institucionais estão cada vez mais falidas, procuram alternativas. As rádios livres podem ser uma delas.*

de Ciências Biológicas. Nessa época, alguns estudantes do curso já discutiam a possibilidade de uma Rádio Livre. Isso tornou-se realidade durante a greve, onde alguns alunos da Biologia resolveram divulgar os acontecimentos do movimento. Em seguida, estudantes de outros cursos como Ciências Sociais, Comunicação, Artes, Medicina, Letras, Economia e Educação se envolveram no projeto. Hoje, o projeto conta com o apoio de diversos Diretórios Acadêmicos, DCE, Adufrgs e Assufrgs.

Os estudantes pretendem recorrer à Justiça, afirmando estarem respaldados pela Constituição Federal, que declara a livre expressão da Comunicação, e que as Rádios Livres ou Comunitárias não infringem a lei pelo fato de não haver legislação clara a respeito. Por enquanto, estão recolhendo assinaturas de apoio com entidades, deputados, vereadores e abaixo-assinados.

Segundo eles, a rádio tem por ob-

jetivo serem uma delas.

Estima-se que existem mais de 3000 rádios desse tipo funcionando em todo o país, entre rádios fechadas e criadas todos os dias. Aqui no estado, o volume ainda é muito pequeno, comparado a São Paulo e Rio de Janeiro, sendo que os cariocas são os mais bem articulados, contando com uma boa organização através da Ar Livre.

Na realidade não existe uma legislação clara sobre essas rádios, e existe uma confusão muito grande sobre o que é pirata, livre ou comunitária. O termo pirata surgiu na Inglaterra e foi muito utilizado na década de 70, quando alguns grupos instalavam esses transmissores em barcos. A coisa era clandestina mesmo. Depois, várias organizações, associações de bairro, entidades estudantis passaram a trabalhar com a idéia das rádios livres, que na essência é quase a mesma coisa, porém buscam um respaldo legal. Em 1990, no 1º Encon-

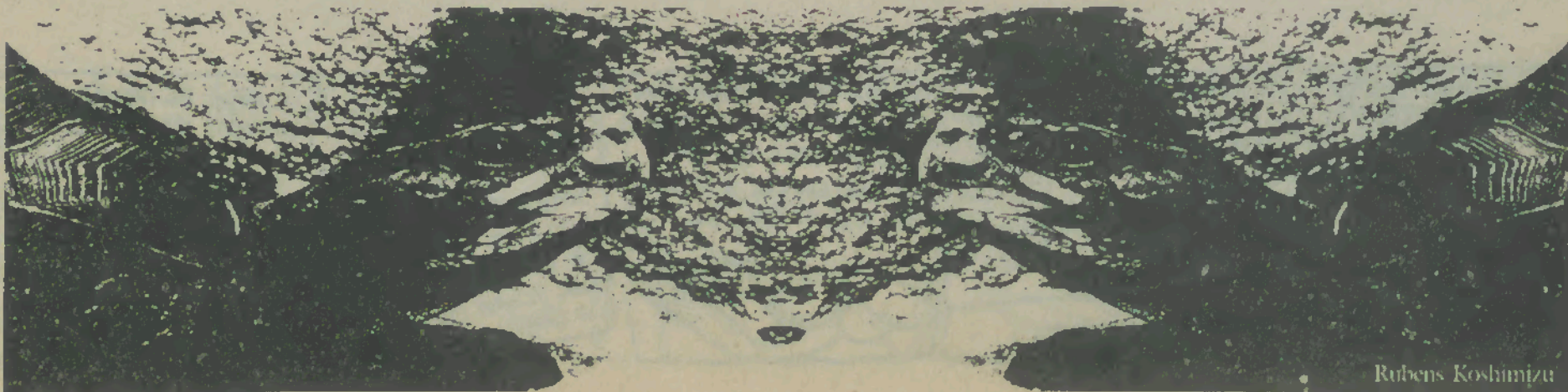
do. Em julho deste ano, somente em São Paulo, o Ministério das Comunicações fechou 35 rádios. E aqui na UFRGS, jogou um balde de água fria na iniciativa dos estudantes.

Entretanto, o pessoal continua correndo atrás para fazer com que o equipamento seja liberado e seguir na batalha. Quem sabe aqui na UFRGS não se possa ter uma rádio livre como na UFBA, na Bahia, que funciona há meses. Ou como no Pará, onde estudantes de jornalismo estão articulando, conjuntamente com sindicatos, associações comunitárias, organizações populares, uma rádio alternativa.

A idéia está na roda. Vai depender somente do grau de engajamento das pessoas e de que se convençam que boas idéias podem ser coisas bem simples, sem burocracia e com muita disposição.

*Denise Simeão*

## IMAGENS



Rubens Koshimizu



Escrever o que será publicado no dia seguinte, quando muito, no mês seguinte. Será que o jornalismo se resume a isto? Ensinam por aí, nas faculdades de comunicação, que o papel do jornalista é noticiar os fatos e com o máximo de imparcialidade. Mas quem determina o que é notícia ou não? O que para mim tem importância, para o meu vizinho pode não ter. E não faço questão de lembrar daqueles atributos da notícia: temporalidade, interesse, regionalismo, proximidade. Desconfio que o assunto seja um pouco mais complexo.

Impossível ignorar que a notícia é a matéria-prima do jornalismo. Logo pela manhã, as pessoas abrem os jornais diários na ânsia de saber o que aconteceu ontem em sua cidade, país e no mundo. Nessa guerra de informar "as últimas" ainda entram o rádio e a televisão, e por sinal, suas armas são mais eficientes. Não parece que este mercado da notícia já está saturado, ou pelo menos, bem representado? Será que não temos carência de veículos que nos tragam mais do que a notícia, tratada como fato novo e de interesse social? E olha que as profecias decretaram que a salvação do jornalismo impresso está na abordagem analítica e de mais conteúdo que os demais meios de comunicação. E para quem ficou a tarefa, digamos assim, mais intelectual, de analisar? Atualmente, para as publicações mensais, os cadernos especiais e de final-de-semana.

Chegamos no ponto em que queria chegar. Se a notícia tem tanta importância, as publicações mensais, só porque não trazem matérias quentes, são menos jornalísticas? Muito pelo contrário.

## Jornalismo é notícia?

Carregam consigo, além da informação, a opinião, um valioso componente jornalístico. E é isto que as torna especiais. Elas são ilimitadas na temporalidade, no tema, no enfoque, no tamanho. Com certeza, os jornalistas dessas publicações têm consciência de que se trabalhassem com a notícia, necessitariam de informação nova e atualizada. Como se vê, é questão de conteúdo. Por que não se classificam certos jornais diários, que abusam das generalidades e repetições, como menos jornalísticos?

Seria pouca ambição achar que o jornalismo é só notícia. Acredito que existam mais coisas importantes para serem ensinadas além do *lead*. Como se faz uma boa reportagem ou entrevista, o levantamento dos dados e fontes, o conhecimento de bons escritores e livros. Mas é mais fácil controlar um bando que só pensa os fatos em termos de o que, quem, quando, onde, como e por quê. Com certeza, junto com esse encherugar mais vem a crítica e a exigência, e isto pode atrapalhar interesses. Também é mais conveniente ensinar técnicas à história do Brasil ou economia. Parece que a preocupação em encontrar a notícia transforma tudo o que foge dela em mero detalhe. Lamentável a ignorância daqueles que acham que no jornalismo só a notícia tem vez. Lamentável quando temos que escrever 30 linhas respeitando o *lead*, com assuntos que a muito deixaram de interessar ao

nosso público. Lamentável não podermos usar metáforas, metonímias, fotos artísticas e comparações porque elas não condizem com o modelo tradicional da notícia.

Definitivamente, quem ainda gosta de pensar sobre as coisas procura os cadernos especiais, como o Mais, da *Folha de São Paulo*, ou o Caderno de Cultura, da *Folha de Tarde*. Quem simplesmente quer se informar, tem inúmeras opções. Mais uma vez a velha história de que é o público quem escolhe o que quer ler. Só que não temos o direito de subjugar o nosso leitor. Ao menos temos que lhe dar opções. No jornalismo, há espaço para a informação e para tantas outras formas de escrever.

Por fim, não é preciso que nos ensinem a pensar, nem escrever, basta nos deixarem escrever um pouco do que pensamos. É triste quando não nos motivam, nem nos permitem nada além do *lead*. Como futura jornalista sei e não discordo da importância da notícia, mas arrisco dizer que existe vida fora dela. Há muita coisa acontecendo a nossa volta e é muito simplista quando querem que só encheruemos o que pode virar notícia. Quero poder falar de tudo, de história, arte, comportamento. Quero filosofar, politizar, psicologizar. O jornalismo, minha opção de vida, perde a graça e fica sem sentido quando não exige de mim nada mais do que noticiar.

Márcia Ruppenthal

## Lei de Imprensa não garante liberdade

Com a nova (*Pero no Mucho*) Lei de Imprensa em tramitação no Congresso desde 1992, reacendem-se os debates sobre a liberdade de imprensa. Jornalistas e empresários de comunicação argumentam que, como está, a lei vai criar um clima de auto-censura prévia. Os jornalistas vão ter medo de ir para a cadeia e os empresários medo de ir à falência, caso sejam condenados à multa máxima de 10% de seu faturamento anual por crimes de injúria, calúnia ou difamação. Temem também que se crie uma indústria de ações, patrocinada por advogados inescrupulosos.

Os defensores da lei, por sua vez, argumentam que a imprensa precisa ter um controle mais rígido, para evitar abusos, e

que isto só se consegue com punições severas. Além disso, jornalistas não podem ser privilegiados no julgamento por estes crimes, já que o código penal prevê a prisão para qualquer cidadão.

A informação para ser democrática não precisa, nem pode ter nenhuma forma de controle. A Lei de Imprensa é necessária apenas para combater os crimes de imprensa, aos quais nem o direito de resposta é suficiente. Alguém acreditaria em um cidadão que, chamado de bandido pelo Gil Gomes, aparecesse no outro dia negando a acusação?

Enquanto isso a questão que pode realmente garantir a liberdade de imprensa fica relegada a um segundo plano,

justamente por envolver interesses muito maiores. Só o que pode assegurar a democracia da informação é a democracia dos meios. E veja-se como são paradoxais as opiniões acerca disso: A Abert, que foi uma das primeiras entidades a berrar contra a nova Lei de Imprensa, andou patrocinando combustível para a polícia na caça às rádios piratas.

O Brizola, por exemplo, não precisaria estar nesta eterna briga com os meios de comunicação se o seu partido, ou um grupo com idéias afins às suas, detivesse um canal de televisão, um jornal, ou uma emissora de rádio com alcance parecido com aquele do veículo pelo qual ele se julgou ofendido. Este é um

caso típico em que a Lei de Imprensa não vai ter efeito algum. Por mais que o Sr. Brizola tenha razão de que os fatos foram distorcidos em seu desfavor, na maioria das vezes não há injúria, calúnia ou difamação. A existência ou não da Lei de Imprensa não garante a liberdade de expressão.

Podem argumentar que é impossível cada segmento de opinião ter seu próprio veículo. A tecnologia está aí para desmentir isto. Mas é preciso que o governo dê sua colaboração. A Lei de Concessões precisa ser revista e até mesmo extinta. As rádios livres comunitárias são uma realidade barata e proliferam cada vez mais, dependendo apenas da boa vontade oficial para que se estabele-

çam. E pequenas emissoras de TV precisam apenas da segurança de que não vão ser fechadas para que comecem a operar no Brasil, como já ocorre nos Estados Unidos, por exemplo. Isso sem falar na Internet que apesar de ainda bastante elitizada no Brasil, oferece a oportunidade de qualquer um se ligar ao resto do mundo, sem controle oficial algum.

Por isso, ficar discutindo se a Lei de Imprensa vai influir na liberdade de informação é conversa pra foca dormir no ponto. É preciso de uma lei para coibir os crimes de imprensa, como qualquer outro tipo de crime, mas ela não vai garantir liberdade nenhuma com a imprensa que temos hoje.

André Márcio Conti



Gilberto Tadday

Maurício Goulart







# Desafetos Acadêmicos

"Tu és um canalha, sem vergonha e sem caráter e não merece o respeito de ninguém nesta sala !!!"

Estas palavras não saíram da boca de nenhum torcedor fanático se dirigindo ao juiz do jogo ou algo assim. Estas palavras de ódio e revolta foram ditas durante uma reunião de departamento por um professor titular da UFRGS e o "canalha" é um colega de trabalho, que convivia com seu "desafeto" praticamente todos os dias. Os dois senhores até mantinham uma situação de convívio civilizada; se cumprimentavam, batiam papo e até se aventuravam a um ou outro cafezinho juntos, mas quando seus interesses se chocaram, esqueceram todas as normas de convívio social e literalmente "fecharam o pau".

Sem entrar no mérito de qual dos dois ilustres mestres ti-

nha razão ou se a acusação foi justa ou não; o episódio, que realmente aconteceu, serve para ilustrar uma triste e preocupante realidade da vida acadêmica: dentro da universidade o clima é muito mais quente (ou será azedo?) do que imaginamos. O

inclusive a acusar um colega de ter "encomendado" um trabalho de magia negra para "travar" seus projetos. Imaginem o que mais deve acontecer nas salas e corredores da Universidade. Ciúmes e inveja andam lado a lado com cordiais "bom dia" e "como vai

se meter em confusões "domésticas" com seus colegas de trabalho, afinal de contas, mesmo no Brasil, o bom profissional é reconhecido e progride na carreira e mesmo que este reconhecimento profissional não se traduza em um grande salário ou em condições adequadas de trabalho, o professor universitário não deve se esquecer que a qualidade da Universidade sempre depende muito dele, e que o trabalho planejado seriamente dentro dos departamentos sempre trará melhores resultados. Se todos tivessem consciência de que o bom convívio entre os colegas é essencial para o bom andamento das coisas e que os "ninhos de cobra" existentes dentro da Universidade não levam a nada talvez a Universidade Pública no Brasil estivesse em condições um pouco melhores.

André Barradas

*Parece que muitos dos "mestres" que habitam as dependências da UFRGS esqueceram a razão principal de seu trabalho. Estão na universidade para pesquisar e ensinar, não para se meter em confusões "domésticas" com seus colegas de trabalho.*

relacionamento entre colegas de profissão, considerados pessoas cultas e de fino trato (afinal de contas são a elite cultural do país), é muitas vezes de guerra aberta, não se poupam insultos, fofocas, acusações e até agressões físicas. Um professor da Faculdade de Agronomia chegou

a família?".

Parece que muitos dos "mestres" que habitam as dependências da UFRGS esqueceram a razão principal de seu trabalho. Estão na Universidade para pesquisar, ensinar, orientar e formar os alunos que dependem destes professores; não para

## De como nada afeta os medíocres

Eu deveria contar uma história. Mas resolvi falar sobre nada porque isso, parafraseando Fernando Pessoa, pressupõe tudo. Afinal, nem tudo sobre nada foi dito. Mas se disse muito sobre tudo e isso eu não quero dizer. Basta, voltemos ao nada.

O pensamento nos leva às idéias. O medíocre não as tem, ele as copia. Não bastasse isso, o medíocre tenta destruir as idéias alheias. Para isso, tem o poder que os da sua mesma espécie lhe deram. O medíocre faz ameaças e fica só nas palavras. Ele acaba destruindo a si mesmo porque foge dos que lhe contradizem. *Nothing*. Não estou falando de ninguém.

Acuso os medíocres, mas deixo claro que não sou brilhante. Sou parte de nada e, como tal, sou livre. Assim também penso que são os que

estão ao meu lado. Temos o direito de pensar e agir da forma que quisermos. Mesmo que não signifique nada, o que criamos é importante, porque são idéias. Como nos versos de Guilhermino César, "somos um fim que se faz princípio". *Choose your way*.

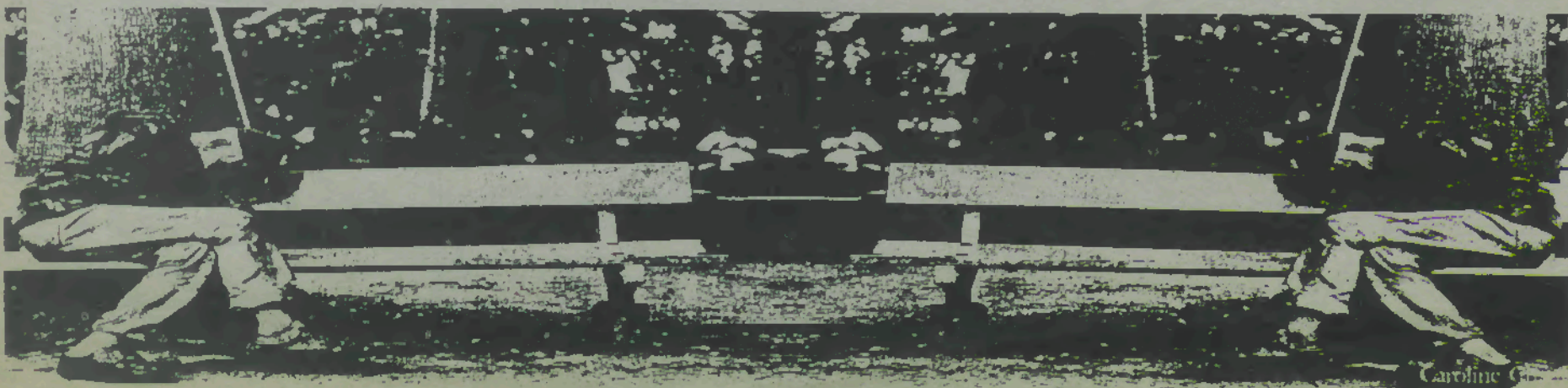
O mundo está repleto de medíocres. Argh, a liberdade tem desasas, mas tem que se conviver. Não existe perigo de contágio, se usar camisinha. *Give me a break*. Clichê é falta de criatividade. Estilo se cria, não se molda de acordo com manuais. O *lead* foi feito para analfabetos. E ninguém aprende a ler com um *lead*. Nem um medíocre.

Aprendemos a aprender de boca fechada. E os que nos ensinam têm os ouvidos entupidos. *They speak, speak...* Deveríamos fechar o

nariz também. *Something's stinking*. Notícias em estado de putrefação. É, há algo de muito podre no reino da Dinamarca.

Volto a dizer que estou falando sobre nada. Desafio quem queira ameaçar minha paz de dizer absolutamente nada. Desafio quem queira cassar minhas idéias, terríveis, ocas, sem regras, mas idéias. Termine este artigo vazio citando agora Euclides da Cunha. "Canudos não se rendeu" disse ele, ao final de *Os Sertões*. Como a trupe do pirado Antônio Conselheiro, vamos lutar até o fim por nossas teses absurdas. Estar escrevendo isto aqui é um exemplo de que podemos resistir (sem perder o pescoço). O nada pode ser muito, quando não se é medíocre. Mais nada.

Andreza Cunha





**OPINIÃO**

# Sábado fui ver o Underground

Dois filmes recentemente exibidos na cidade instigam às preocupações dos dias atuais.

Luciano Miranda

A melhor implosão é aquela que nos oferece o melhor subterrâneo, o mais profundo. Pois só assim é possível depositar todos os pedaços da edificação já destruída, sem que ela se espalhe pelas ruas. Cada pedacinho, inclusive de nós mesmos. Mas de tempos em tempos alguém deveria executar escavações no terreno, mesmo que a área já tenha sido ocupada por um espigão, para que lá no fundo se descubra alguma identidade perdida. Talvez, a de nossa civilização. Um trabalho de arqueologia para as nossas sociedades que se consomem, sem ainda terem desaparecido.

Uma boa maneira de se fazer novas ou velhas descobertas, acontece pela via do cinema. Ele revela e desvela. É assim que, em uma manhã de sábado, a diretora de arte Magda Blum, interpretada por Maria Padilha, se depara com o espigão, o Edifício das Américas, no centro de São Paulo, que teria o hall como espaço para a realização de um filme publicitário. Este cenário, em verdade, serve para o importante longa e pouco divulgado, *Sábado*, de Ugo Giorgetti. Neste prédio, o que conta não é o subsolo, mas a superfície mesmo. Uma perfeita metáfora do Brasil. A obra, em idos tempos, orgulho do Comendador Argentilli, feita para a elite paulista dos anos trinta, tornou-se um tanto precária nos anos noventa, símbolo do processo de decadência atingido pelos mais diversos estratos de nossa sociedade. Tudo bem, as ruínas serão bem maquiadas e parecerão, de novo, um palacete para a televisão. Cada um de seus intérpretes, reflete um pouquinho de todos nós: Tonhão, o zelador está em fuga constante da realidade pela bebida; os modelos do comercial, loiros, com traços europeus, e roupas pesadas, vendem um perfume de nome *Winter* (Inverno), para um mercado quase todo tropical; um pastor é o líder de mais uma micro Igreja, que funciona em um dos apartamentos; os inquilinos, que em alguns casos são invasores, não pagam o aluguel; o traficante de drogas também está presente; os mendigos estão sempre por perto. As pessoas têm, como única leitura, os jornais sensacionalistas. A marginalidade, a barbárie que reina sobre a civilização.

Um ex-oficial nazista morre, mais um indigente da Paulicéia. Os papa-defuntos vão buscá-lo. Magda está a procura de um vitral. Todos, inclusive o morto, ficam presos no elevador. Encontro inusitado, que aproxima indivíduos de realidades tão distantes. Talvez, só assim, para estarem no mesmo espaço exíguo, uma mulher culta e elegante, dois funcionários subalternos do IML, um gordo de aparência miserável que só queria filar um churrasco no terraço e o falecido. Para socorrê-los, Aimar, o assistente da diretora se vale das mais diferentes barganhas e sempre perde - o walkman, o tênis novo - para àquela comunidade quase alienígena, mas conta com a ajuda do Homem de Alcatraz, interpretado por Décio Pignatari. Só um semiólogo interpretaria os complexos e imbricados signos emanados por aqueles moradores, estranhos para a sociedade civil organizada, mas que representam a maioria do povo brasileiro. Como nos antecipa a sinopse do filme, "a surpresa, a confusão, a indiferença. Enfim, São Paulo, Brasil..., o velho Brasuca de todos nós". Este prédio é o nosso país, que cai aos pedaços e abriga a todos, sob um contínuo *apartheid* social.

O problema não é exclusivo do prédio brasileiro. O iugoslavo já se despedaçou. Ao menos, oferece ao mundo produções da estirpe de *Virginia*, e de *Antes da Chuva*, apesar

deste ter sido uma co-produção. Não importa, em um outro sábado fui ver o *Underground - mentiras de guerra*, de Emir Kusturica. "Era uma vez um país", em abril de 1941. Peter Popara, vulgo Crni ou Blacky, foi aceito como membro do Partido Comunista. Na manhã seguinte, Belgrado é bombardeada pelos nazistas. A cidade é ocupada pelos alemães. Crni e seu camarada, Marko, escondem seus familiares e amigos em um porão. Crni fica aí também. O esconderijo teria um papel importante como fábrica de armas para a resistência. Dedicam-se todos a produção, confinados, sem saber do curso dos acontecimentos. Marko fica do lado de fora a manipulá-los com mentiras. A cidade é retomada, pelos aliados, na Páscoa de 1944. Mas Marko não conta nada aos habitantes do porão. Toma-se importante intelectual e dirigente do PC, agora no poder sob a liderança do Marechal Tito. E, mais, vale-se da mão-de-obra do subterrâneo para traficar armas no mercado paralelo. O tempo passa. É 1961. Crni está de volta à superfície. Passaram-se vinte anos, mas ele pensa que foram quinze. Não importa. Não lhe preocupa a dimensão de tempo. Interessa-lhe, sim, a dimensão da guerra que, para ele, estará sempre presente. Se Emit Flesti, interpretado por Willem

Horn de 11.08.1996, que a globalização corresponde a uma retórica das nações detentoras do poder para manter os países periféricos congelados quanto a iniciativas próprias de desenvolvimento e, desta maneira, permanecerem dominados. Nogueira Batista fala em uma internacionalização cada vez mais aprofundada, que não coloca em risco os países. A globalização seria uma caricatura. Para a economia, isto pode ser um fato. Mas como se pode interpretar o *hit* do momento, empregado para os mais diversos assuntos? O termo globalização está disseminado. O leitor perguntaria: E, daí? O que tem a ver tudo isto com o *Sábado* e o *Underground*? Tem muito. Se é que podemos falar em globalização, afinal de contas, um aspecto dela que pouco tem sido discutido é a face da guerra ainda presente.

Podem parecer paradoxal, mas se no *Underground* ela está na superfície, no *Sábado*, está no subterrâneo. O povo daquele prédio, o brasileiro, vive uma guerra silenciosa consigo mesmo. Sente na pele a concentração de renda cada vez maior e a falta de oportunidades para obter alguma chance. Às vezes o silêncio é quebrado e surgem marcas de sangue. Hoje ele corre muito mais pelas ruas do Brasil. Os mais incautos poderiam dizer: isto é problema do desemprego, que afeta todas as nações! Não deixa de ser verdade e, através dela, e de realidades próprias, o mundo constrói suas guerras específicas. Vivía-se, até bem pouco, a segurança mantida a mísseis, pela bipolarização do mundo. Nada mais impossível agora. Se da antiga Iugoslávia e da Rússia, quando bombardeia a Chechênia, a violência é explícita, na Argentina, no Brasil, em tantos outros, é velada, ou nem tanto. Se a Europa ocidental é o marco da civilização contemporânea, é dela que também partem os mais expressivos movimentos extremistas, fascistas, que se, por um lado preservam a ordem vigente, por outro debitam a conta junto a turcos, argelinos e demais africanos, que muitas vezes a pagam com a vida.

O mundo é um barril de pólvora. Portanto, é de não se estranhar que nos mais diversos filmes produzidos hoje em dia, sejam eles brasileiros, iugoslavos, americanos, ou de qualquer outra nação, os símbolos nazistas apareçam em algum momento. O fantasma ainda está presente e, cada vez mais, vivo. Pois, no mundo "globalizado", o que se verifica é o crescimento das diferenças étnicas, sociais, culturais, do nacionalismo. Se o mundo econômico esqueceu-se destes aspectos da vida, é bom que cada um trabalhe por eles. Precisamos cuidar mais de nós mesmos, sem esquecermos de também cuidar dos outros. Pode parecer simplismo, mas o ser humano não é a mercadoria que conquistou o livre trânsito pelo planeta. Só quando nos tornarmos, de fato e de direito, cidadãos do mundo, compreenderemos melhor os outros e a nós mesmos, e viveremos em paz. Nossa eterna utopia.



Dafoe, no filme *Tão Longe, Tão Perto*, de Wim Wenders, personifica o tempo, Crni, por sua vez, é o espírito da guerra. Ele também a personifica. Tito morre. Ele era o unificador do caldeirão étnico iugoslavo, uma quase unanimidade nacional. Eclode a guerra civil. Crni, já em 1992, lidera uma das inúmeras milícias em conflito. Marko junto com Natalija, uma atriz volúvel que nos tempos de juventude dividia-se entre os amores dos dois amigos, trafica armas nos campos de batalha. Um dos milicianos de Crni, sob suas ordens mas sem saber de suas identidades, os mata. "Nenhuma guerra é guerra sem que um irmão mate o outro". Crni se dá conta disto. Mas como no ritmo alucinante de uma dança ou de uma música estridente, a guerra também é orgiástica. Todos são contagiados por seu espírito.

*Underground* é um filme impregnado de simbolismos e, assim como *Sábado*, tem muito a reportar-nos à conjuntura contemporânea. Tem-se falado muito em mundialização ou globalização. Em princípio, ela representaria apenas uma tendência à quebra das barreiras alfandegárias, para o livre comércio de bens e serviços, que fortaleceriam grupos empresariais em detrimento dos Estados nacionais. No momento atual, isto seria facilitado pelo grande desenvolvimento ocorrido nas áreas da informática e comunicações. Paulo Nogueira Batista Júnior, professor de Economia Internacional da Fundação Getúlio Vargas, no entanto, afirma, em entrevista concedida a *Zero*

